

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS DO PONTAL

SILVA ROSA DOS SANTOS GRACIANO

**ENTRE A MEMÓRIA E O ARQUIVO: NARRATIVAS DE FORMAÇÃO DOCENTE
E O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EDUCAÇÃO INFANTIL DO CURSO DE
PEDAGOGIA/PONTAL/UFU**

ITUIUTABA-MG

2023

SILVA ROSA DOS SANTOS GRACIANO

**ENTRE A MEMÓRIA E O ARQUIVO: NARRATIVAS DE FORMAÇÃO DOCENTE
E O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EDUCAÇÃO INFANTIL DO CURSO DE
PEDAGOGIA/PONTAL/UFU**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de \Ciências Humanas do Pontal (ICHPO) da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do Título de Licenciatura em Pedagogia sob a orientação da Prof.^a Dra.^a Lúcia Helena M de M Oliveira.

ITUIUTABA-MG

2023

AGRADECIMENTOS

Formatura, momento de festejar a vitória alcançada, momento de despedidas, momento de agradecimentos, momento de parar no tempo e relembrar o filme construído durante o caminho percorrido e refletir que alcançamos apenas um degrau dentre várias vitórias que virão, as quais irão somar para formar os degraus que nós levarão ao alcance dos nossos objetivos. Refletir que precisamos manter a fé, conservar-nos firmes, sempre embasados na humildade, no amor e respeito ao próximo.

É com muita admiração e enorme respeito que venho mostrar toda minha gratidão a minha orientadora, Dra, Professora, Lúcia Helena Moreira de Medeiros Oliveira, que dia após dia mostrou sua dedicação e amor por esta profissão tão essencial na vida de todos.

Muito Obrigada!

RESUMO

Trata-se de uma reflexão a partir da narrativa de minha trajetória escolar baseado na ideia de que é possível analisar criticamente o movimento de construção do processo formativo escolar a fim de poder compreendê-lo e ressignificá-lo. Esse campo de pesquisa e estudo leva em consideração que as narrativas são instrumental tanto na pesquisa como no ensino na formação de professores porque ao refletir sobre elas,

mudanças podem ocorrer porque passa-se a compreender a si mesmo e aos outros. A escrita da trajetória teve como marco temporal a entrada inicial na escola até a inserção no ensino superior no curso de Pedagogia, do Instituto de Ciências Humanas do Pontal da Universidade Federal de Uberlândia, no qual tornei-me professora da Educação Básica. Nesse universo d experiências há um realce para as vivências e experiências do Estágio Supervisionado Educação Infantil. Diante do exposto, estabeleci alguns objetivos norteadores para esta narrativa e o principal deles, foi compreender as contribuições do estágio para a formação do pedagogo e refletir sobre elas como futura professora da Educação Infantil. E para que essa narrativa cumprisse seu fim formativo, especifiquei os objetivos em: i) narrar as experiências vivenciadas em minha trajetória na escola básica, no curso e que me aproximaram do estágio Educação Infantil; ii) narrar as experiências vivenciadas durante o estágio Educação Infantil e nelas discutir e refletir sobre a importância dele para a formação do/a pedagogo/a; iv) apresentar o estágio como elemento importante da formação do professor/a que atuará com o público infantil. Para essa reflexão alguns autores foram estudados como Cunha(1997), Freire(1996), Lucena(2009), Goodson(2000), Holly(2000) e outros. Ao narrar as minhas experiências pude reorganizar minhas ideias sobre formação, sistematizar minhas experiências e dar sentido a elas, para que outras professoras possam refletir tanto na formação inicial quanto na continuada sobre seus saberes e as suas experiências.

Palavras-chave: Narrativas de professores; Formação de Professores; Estágio Supervisionado; Educação Infantil.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base nacional comum curricular
RCNEI	Referencial Curricular Nacional Para Educação Infantil
FNDE	Fundo Nacional De Desenvolvimento Da Educação
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
EJA	Educação de Jovens e Adultos

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. Entre o arquivo e a memória: a produção do memorial como ressignificação da trajetória escolar para a vida profissional	9
3. O Encontro Com O Estágio Na Educação Infantil: Reflexões	17
4. Narrando a experiência do estágio supervisionado II – Educação Infantil	21
4.1 Estudando sobre a Educação Infantil	21
4.2 As Experiências Vividas no Estágio	23
4.3 A Construção do Projeto de Intervenção	26
CONCLUSÃO	27
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	29

1. INTRODUÇÃO

O tema escolhido para refletir em meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) são narrativas sobre a formação de professores com base nas experiências construídas nos estágios supervisionados do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia, Campus Pontal, cujo projeto assume o estágio como um espaço de aproximação dos/as estudantes ao futuro campo de sua atuação, oferecendo subsídios teórico-práticos necessários, atividades que promovam a reflexão do ponto vista científico, do contexto de formação e atuação, dos fundamentos da educação e da dimensão ética, política e ideológica de seu trabalho que, certamente, serão ressignificados pelos estagiários em contato direto com a realidade da escola e da sala de aula, no processo de formação continuada, da vida profissional. Assim, senti necessidade de narrar neste texto as experiências do Estágio Educação Infantil e sua importância, uma vez que o referido curso, o qual estou vinculada desde 2015, forma professores e professoras para atuar com e no público infantil.

Início explicando que durante a minha experiência no Estágio Supervisionado II¹ à medida que fui ao encontro do cotidiano da escola concedente do estágio e de seus sujeitos (as crianças e suas famílias, as professoras, as coordenadoras, a diretora, os outros servidores/as) muitas indagações foram surgindo e uma delas, a que mais me provocou foi: qual ou quais seriam as contribuições do referido estágio para a formação do pedagogo.

Relembrando meu processo formativo, quando selecionei alguns temas para refletir em meu TCC, meu desejo era pesquisar sobre a História da Educação Infantil, especialmente no Brasil, porém, ao me deparar com os estágios decidi refletir sobre a formação pedagógica do/a professor/a a partir deles. Assim, voltei o meu olhar para a formação do pedagogo a partir do estágio Educação Infantil com base em minhas experiências em uma escola do município de Ituiutaba, rememorando aquele processo e selecionando alguns pontos para estudar um pouco mais com base na realidade da escola, dentre eles, a relação da direção com os professores, a relação do professor/ aluno, a relação entre pais / professores e direção, os projetos desenvolvidos com toda a Educação Infantil, as práticas, o projeto e a aula da professora regente que fiquei observando. O contato com essa realidade e a reflexão com ela muito

¹ Ver Ficha de disciplina do Estágio Supervisionado II, disponível em http://www.ich.ufu.br/system/files/conteudo/gpd043_estagiosupervisionadoii.pdf acesso em JAN: 22 de 2023.

contribuiu para minha formação como futura professora da Educação Infantil, assim, vou narrando aquelas que consigo registrar com mais clareza e objetividade.

Parece até muito óbvio registrar essas memórias e repensá-las, visto que já existem muitas pesquisas renomadas na área de formação de professor/a a partir de narrativas, como as produzidas por Cunha(1997), Goodson,(2000), Nóvoa(2000), Holly(2000), Peres(2009), dentre outros. Contudo, voltar o olhar para este tema, com certeza, contribuirá com os estudos que elegem as práticas como reflexão, a partir dos saberes construídos nas experiências narrados por professores e professoras.

Desse modo, nesta narrativa, pretendo responder a seguinte indagação: o estágio supervisionado na Educação Infantil, foi importante? Por que? Quais contribuições eu poderia afirmar que este estágio deixou para a formação do/da futuro/a pedagogo/a ? Creio que, narrar o que construí nesse processo tem me auxiliado a fazer escolhas, definir alguns princípios para eu ser professora na Educação Infantil. Por isso quero reiterar que,

Trabalhar com narrativas na pesquisa e/ou no ensino é partir para a desconstrução/construção das próprias experiências tanto do professor/pesquisador como dos sujeitos da pesquisa e/ou do ensino. Exige que a relação dialógica se instale criando uma cumplicidade de dupla descoberta. Ao mesmo tempo que se descobre no outro, os fenômenos revelam-se em nós. (CUNHA, 1997, p. 199)

Porque ao narrar e refletir sobre as minhas experiências no curso de Pedagogia e em especial no estágio na Educação Infantil, percebo que mudanças ocorreram, já não sou mais a aluna ingressante, a futura profissional, pois, passei a olhar para mim mesma com outros olhos e às outras pessoas também. Foi como se eu passasse a ouvir a mim mesma, passasse a ler os meus escritos, inclusive a teorizar também sobre as experiências construídas. Revivi o passado, a minha trajetória escolar, buscando entender como fui vista enquanto criança, como alguém que queria aprender e estava em construção; também como aprendi e como me ensinaram. Foram muitas recordações e ressignificações.

Me sinto mais autônoma quando me vejo escrevendo sobre minha trajetória, sobre as minhas dificuldades e produzindo reflexão sobre minha própria formação. Também percebo que não foi muito fácil, exigiu e ainda exige um olhar mais crítico sobre mim mesma, questionar aquilo que ao longo dos anos acreditei sem ao menos duvidar, ou seja, o movimento a partir desta narrativa é “ analisar criticamente a si próprio, a separar olhares enfiadamente afetivos presentes na caminhada, a por em dúvida crenças e preconceitos, enfim, a des-construir seu processo histórico para melhor poder compreendê-lo”(CUNHA,

1997 p.199).

Diante do exposto, estabeleci alguns objetivos norteadores para esta narrativa e o principal deles, foi compreender as contribuições do estágio para a formação do pedagogo e refletir sobre elas como futura professora da Educação Infantil. E para que essa narrativa cumprisse seu fim formativo, especifiquei os objetivos em: i) narrar as experiências vivenciadas em minha trajetória na escola básica, no curso e que me aproximaram do estágio Educação Infantil; ii) narrar as experiências vivenciadas durante o estágio Educação Infantil e nelas discutir e refletir sobre a importância dele para a formação do/a pedagogo/a; iv) apresentar o estágio como elemento importante da formação do professor/a que atuará com o público infantil.

Relembro com cuidado que ao problematizar esta temática como uma possibilidade de pesquisa, tive como base o estágio em que o/a estudante do curso de Pedagogia, busca colocar em prática aquilo que teoricamente foi construído nas disciplinas/currículo e assim, destaco alguns/as autores, como Pimenta, (2004), Piaget (1976), dentre outros e, também, alguns documentos oficiais especialmente o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI, 1998) e as Diretrizes Curriculares da Educação Infantil (2010) e a Lei 9394/ 96 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).

Para melhor expressar meus escritos, organizei o texto em tópicos, sendo eles: “Entre o arquivo e a memória: a produção do memorial como ressignificação da trajetória escolar para a vida profissional” no qual narro a minha trajetória de formação para justificar como ela influenciou na escolha sobre a temática a ser estudada e aprofundada no TCC. “O encontro com o estágio na educação Infantil: reflexões” para abordar a importância da Educação Infantil para a formação de pedagogas e pedagogos. “Narrando e refletindo sobre as experiências vividas no estágio” cujo teor são as vivências, as dificuldades, as aprendizagens, as observações entre outras coisas, em um movimento mais reflexivo. E por fim, trago as “Considerações” as sínteses que consegui elaborar na abrangência do tema estudado.

2. ENTRE O ARQUIVO E A MEMÓRIA: A PRODUÇÃO DO MEMORIAL COMO

RESSIGNIFICAÇÃO DA TRAJETÓRIA ESCOLAR PARA A VIDA PROFISSIONAL

Retomei meu memorial construído como exigência da disciplina Projeto Integrado de Prática Educativa (PIPE I)², logo no início do curso. O exercício de rememorar minhas experiências,

² projeto integrado de prática educativa

puxar minhas memórias muitas vezes tão esquecidas, sonhos silenciados, e traçar com a ajuda de meus arquivos, narrar parte da minha trajetória escolar até chegar ao curso de Pedagogia apresentando as construções, as desconstruções, buscando encontrar minha identidade profissional foi um exercício muito enriquecedor. Ele foi a primeira atividade marcante no curso, dedicado inclusive à todos/as os meus professores e professoras. Sua finalidade foi rememorar um pouco da minha história de vida pessoal e escolar, e nele, tentei recuperar lembranças, selecioná-las à medida que foram aflorando em meu pensamento.

Em meus registros, procurei sintetizar os momentos menos marcantes e desenvolver aqueles mais significativos como é o caso do estágio em Educação Infantil, ou seja, selecionei aqueles que decidi ressignificar, em se tratando da minha profissão. E quando lembrados, resolvi registrá-los, pois dizem que a memória vai esquecendo tudo. Dizem até que a nossa memória nunca mais será a mesma, por isso, escrevo para não esquecer! Escrevo para registrar as experiências que me fizeram ser professora.

A narrativa que apresento foi sendo construída no memorial, fui anotando as coisas lembradas, as mais significativas e marcantes para mim e as selecionei, para repensá-las e logo, dar um novo significado a elas. Ao lembrá-las, elas foram tomando outras cores, outros tons, porque fui vislumbrando-as de outros modos, com outros olhares, afinal fui agregando ao meu pensar, ao meu olhar outros olhares, outros coloridos, outros horizontes que me fizeram desvelar outras possibilidades. Fui tecendo a minha história junto com as outras pessoas, sejam elas, da família, amigos, professores e professoras, enfim, muitas gentes! E à medida que relembro, tudo fica muito perto, por isso, consigo ressignificá-las.

Assim, estou contando uma história que nunca foi contada, que são as experiências apenas vivenciadas por mim e ao contá-la, preservo-a do esquecimento. A história construída na escola, com os professores e professoras, com os colegas de sala, nos projetos desenvolvidos nas disciplinas, nas atividades desenvolvidas em outros espaços de trabalho, bem como qualquer grupo que ao longo da vida vim participando é muito particular. Basta mencionar que venho de uma família linda! Sou a primogênita de nove irmãos, e à época da primeira escrita do memorial já completava meus 50 anos; passaram-se 7 anos e agora retomo esse registro para dele fazer uma reflexão sobre minha identidade profissional.

Nasci em Canal de São Simão (São Simão velho), GO, que hoje se encontra totalmente embaixo d'água. Venho de uma comunidade do campo, meus pais eram trabalhadores rurais por isso, morávamos sempre em fazendas ou em pequenas cidades sem muitos recursos. Eram fazendas ou cidades que às vezes não tinha água encanada e

necessitava da água do poço (cisterna), tirávamos com balde para fazermos todo o serviço de casa e, as vezes, minha mãe tinha que ir para o rio lavar roupas. Meus pais eram muito bons, não tinham muito estudos, mas, se esforçaram para que tivéssemos acesso à escola. E, por isso, mudamos para Ituiutaba para estudar. Estudar significava a possibilidade de uma vida melhor. Era possível!

Guardo velhas e grandes lembranças de minha infância, das brincadeiras, da vida simples do campo, elas eram as mais variadas possíveis como amarelinhas, pula corda, pique-pega, bambolê e bandeirinha. Foi uma infância muito feliz! Éramos felizes com nossas brincadeiras de crianças. E essas brincadeiras lúdicas tiveram muita significância para mim porque pude ser criança, livre, alegre, em contato com a natureza e pé no chão juntamente com meus irmãos e primos. Relembrar essas experiências me faz refletir como hoje nossas crianças já não aproveitam o que a própria natureza nos oferece e que a tecnologia tem substituído a leveza, a beleza de ser criança.

Fui à escola aos oito anos de idade com início na primeira série na Colégio Estadual Presidente Castelo Branco de primeiro grau, (hoje esta escola atende o ensino médio também) em uma cidade do interior de Goiás denominada Itaguaçu. Esta escola existe até hoje e mudou muito pouco. Não lembro-me dos professores daquela época, já faz tanto tempo! E.... sinceramente, não gosto muito de lembrar, porque quando viemos para Ituiutaba/Mg, não foi possível retirar o meu histórico escolar lá e, por isso, tive que começar na escola repetindo a primeira e a segunda séries. Algo dessa experiência eu aprendi, é possível superar as dificuldades e avançar no que se deseja, meus pais tomaram as providências para que pudesse prosseguir nos estudos.

Quando puxo os fios da memória sobre como aprendi a ler e escrever, o que mais marcou, e o mais difícil, foi aprender a escrever com a mão direita porque sou canhota e a escola não aceitou que eu escrevesse assim. O que para mim era natural, para a escola era errado. Essa lembrança é muito triste! Porém, minha professora da primeira série (em 1978!) tinha muita paciência e dedicação e, por isso, me ajudou bastante. Até hoje me lembro de dona Lázara! Saudades! Ela me acolheu, me respeitou e me ajudou! Aqui preciso tecer uma reflexão: por que a escola não aceita o diferente? Por que precisamos fazer igualzinho ao outro? Que humilhação! Ter de escrever exatamente como o outro escrevia!! Hoje vejo que sofri sim, mas, por outro lado, como professora, vejo com muita alegria que eu penso de outra forma e encaro a criança como uma pessoa que constrói a sua história, a sua educação, a sua formação do seu jeito a partir do diálogo com a escola, com os/as professores/as, com

os/as colegas, com as disciplinas, com a cultura escolar, com a sociedade em geral. Criança, um ser em construção, inconcluso por natureza, não se educa sozinha! Esse é um princípio que trago como professora, considerando a minha formação em um curso freireano:

É o meu bom senso, em primeiro lugar, o que me deixa suspeito, no mínimo, de que não é possível à escola, se, na verdade, engajada na formação de educandos educadores, alhear-se das condições sociais culturais, econômicas de seus alunos, de suas famílias, de seus vizinhos. (FREIRE, 1996, p.2).

Pensando nessa questão, amplio a minha reflexão sobre a minha trajetória escolar pois venho de uma família muito simples com experiências ricas em diferentes modos, usos, costumes, linguagens, conhecimentos, por isso mesmo, sempre quis ser respeitada e reconhecida na escola. Essa é uma questão ética,

Não é possível respeito aos educandos, à sua dignidade, a seu ser formando-se, à sua identidade fazendo-se, se não se levam em consideração as condições em que eles vêm existindo, se não se reconhece a importância dos “conhecimentos de experiência feitos” com que chegam à escola. O respeito devido à dignidade do educando não me permite subestimar, pior ainda, zombar do saber que ele traz consigo para a escola. (FREIRE, 1996, p.2)

Passei por outras pessoas e situações escolares muito importantes, destaco a figura das professoras Divina da segunda série em 1979, professora Inês da terceira série em 1980 e professora Nair professora da quarta série em 1981, todas me ajudaram a chegar até a quinta série em 1982 foi quando parei de estudar. A vida material obrigou-me a parar os estudos em 1982 Fiz algumas opções. Me casei, tive filhos, construí uma família e outras aprendizagens e novos conhecimentos que foram fundamentais para mulher e professora que me tornarei.

Mexi no baú da memória para ir ao encontro dos livros didáticos. Tentei recordar deles mas não consigo, já faz muito tempo! Era tão diferente de hoje! Naquela época nossos pais compravam os livros didáticos porque o Estado não os forneciam. O Ensino fundamental ainda não era universalizado, muitas crianças estavam fora da escola. Era apenas uma intenção, já que a Lei de Diretrizes e Base (LDB 9.394/96) recém-aprovada estava em implementação e muitas políticas públicas ainda não estavam consolidadas. De acordo com informações do FNDE (FNDE, 2023), em 1995, Programa Nacional do Livro Didático foi ampliado e foram adquiridos livros didáticos de forma gradativa para o ensino fundamental

e contempladas as disciplinas de matemática e língua portuguesa; em 1996, a disciplina de ciências e, em 1997, as de geografia e história. Isso explica que, apesar das dificuldades, de lá para cá, obtivemos muitos avanços nas políticas da Educação Básica. Acredito que esse foi um período que o Brasil desejava democratizar a sociedade, principalmente, por meio da educação. O esforço de garantir aos milhões de pessoas, crianças, mulheres, homens, trabalhadores e trabalhadoras analfabetos/as deste país, a oportunidade de aprender a ler e escrever, buscando cumprir o princípio de que a educação é um direito de todos. Como professora tenho o compromisso social de engajar-me nas lutas em prol do acesso e permanência de nossas crianças na escola pública e de qualidade.

Voltando ao ato de ler e escrever, lembro-me que descobri um mundo novo por meio das leituras e, com professoras muito exigentes e tradicionais, fui obrigada a dedicar-me às leituras. Refletindo sobre essa questão com outros olhos, hoje uma professora quase formada, percebo que eram práticas da educação bancária; a professora sempre sabia tudo, o aluno falava pouco e ouvia muito, o aluno copiava mais, repetia várias vezes o mesmo exercício e não problematizava. Era tudo mecânico! Chego a pensar que era muito contraditório porque mesmo assim, aprendi a gostar de ler, fui viajando no meio das palavras. É uma pena que não pude problematizar à época. Mas hoje, com uma formação mais crítica posso fazê-lo, pois entendo que eram práticas fundadas na concepção de uma educação bancária como “[...] ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos [...]” (FREIRE, 1987, p.57).

Eram práticas pedagógicas tradicionais sim, as professoras nos solicitavam fazer leituras coletivas, mas “tomavam” leitura e tabuada individualmente, e aí daquele que não desse conta, era punido ficando sem recreio ou fazendo cópias imensas! E a nossa leitura de mundo? Essa nem sequer era pensada, ou seja, era uma visão educativa na qual,

- a) o educador é o que educa; os educandos, os que são educados;
- b) o educador é o que sabe os educandos, os que não sabem;
- c) o educador é o que pensa; os educandos, os pensados;
- d) o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente;
- e) o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados;
- f) o educador é o que opta e prescreve sua opção; os educandos os que seguem a prescrição;
- g) o educador é o que atua; os educandos, os que têm a ilusão de que atuam, na atuação do educador;
- h) o educador escolhe o conteúdo programático; os educandos, jamais ouvidos nesta escolha, se acomodam a ele;
- i) o educador identifica a autoridade do saber com sua autoridade funcional, que opõe antagonicamente à liberdade dos educandos; estes devem adaptar-se às determinações daquele;
- j) o educador,

finalmente, é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos.(FREIRE, 1987, p 58.)

Pensando assim, sigo lembrando as aulas de Língua Portuguesa, as minhas dificuldades com o aprofundamento da língua, a gramática em si; as de História tenho um agrado especial porque as temáticas me proporcionam o conhecimento da história de outros povos e suas civilizações, dando-me o entendimento de muitos acontecimentos que ocorreram no passado que refletem na vida atualmente; a Geografia era difícil, tinha dificuldade para estudar as coordenadas do espaço ou medições da superfície de qualquer lugar; a Matemática, matéria mais dura para mim, pois não conseguia memorizar todas aquelas fórmulas; ciências, me deixava fascinada! É uma matéria maravilhosa, pois é por meio dela que estudamos as curas para várias doenças e as experiências que fiz naquele tempo foram as que a maioria das escolas faz, plantar o feijão no algodão; eram práticas que faziam sentido para a minha vida cotidiana. Porém, grande parte dessas disciplinas era muito distante da minha realidade, não conseguia relacionar com as minhas experiências porque também não era problematizada. Era mesmo uma transferência de conteúdos e não havia uma relação com a realidade vivida, com a sociedade. Era um conhecimento tão distante do meu cotidiano que não fazia sentido algum. Sobre essa questão, como professora, já entendi que conhecimento e vida se relacionam, teoria e prática se encontram, e que a práxis só se realiza quando se permite encontrar o sentido do conhecimento que desejamos construir.

Uma prática que me lembro com carinho no ensino fundamental, eram as tarefas extra-classe no final de cada ano letivo, trabalhávamos com uma feira e os professores davam um temas para desenvolvermos um projeto de acordo com cada matéria. Os produtos poderiam ser os mais variados possíveis. Era muito divertido, principalmente, era envolvente! Corríamos atrás. Aqui entendo que o centro do processo de aprendizagem precisa ser o aluno e o professora/a, o mediador/a.

Os professores ministravam suas aulas em uma mistura de tradicional e uma prática mais renovada, alguns passavam o conteúdo, explicavam e pediam que os alunos fizessem os exercícios e logo depois faziam as correções. Outros procuravam trabalhar mais em grupos, porém, ainda agiam de maneira tradicional, ou seja, algumas mudanças já se despontava na prática do professor mas o que ainda prevaleceu mesmo foi a tradição da disciplina, da cópia, da decoreba e dos exercícios mecânicos.

Mesmo vencendo as dificuldades na Educação Básica, parei de estudar, fui obrigada

escolher entre casar ou estudar porque meu pai não deixava que fizesse as duas coisas, e à época eu preferi casar; hoje, arrependo-me por ter adiado meu sonho por tanto tempo, mas, por outro lado, amo meus filhos e netos, eles me dão todo apoio para realizar meus sonhos. Construir uma família só me fez mais forte e capaz de vencer as dificuldades, lutar pelos desejos também. Por isso estou aqui hoje.

O recomeço dos estudos foi com a Educação de Jovens e Adultos (EJA) em 2006... Vale retomar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96) estabeleceu no capítulo II, seção V a Educação de Jovens e Adultos. Traz no artigo 37 que “A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou oportunidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria”. Essa definição da EJA, nos esclarece o potencial de educação inclusiva e compensatória que essa modalidade de ensino possui. Entendo que entre 2006- 2008, cursar a EJA, constituiu-se na oportunidade de recuperar o direito de estudar, o direito ao ensino público de qualidade na forma de inclusão social que, para mim, foi de fundamental importância para o prosseguimento de minha pessoal, social e profissional. Cursei a EJA no período noturno para terminar o ensino fundamental de quinta à oitava série. Penso que nesse período a educação brasileira buscava cumprir a sua função social, ofertava a EJA para tentar garantir os direitos educativos à população com 18, anos ou mais que não teve acesso ou interrompeu estudos antes de concluir a Educação Básica. Estava eu no meio dessa estatística! Não me lembro de todos os colegas porque quando terminamos o ensino fundamental nos separamos, alguns foram para a E.E Polivalente³ e outros para a E.E Maria de Barros⁴; dentre os que foram para a segunda escola estava eu. A vida seguiu, alguns colegas, ainda hoje tenho contato, inclusive no curso de Pedagogia da UFU e também em outros cursos. O importante é que a EJA nos auxiliou a prosseguir nos projetos de vida! Chegar à universidade não foi fácil, mas foi possível! Os desafios foram muitos e ainda o são, porque nem sempre construímos por lá, práticas significativas que nos auxiliaram na vida acadêmica.

Relembrar a modalidade EJA, é ter viva na lembrança aulas muito divertidas. As aulas em geral aconteciam na pedagogia tradicional dentro das salas, mesmo assim, alguns professores

³ Ver sobre escola Polivalente (EE Antônio Souza Martins)
https://www.mg.gov.br/instituicao_unidade/escola-estadual-antonio-souza-martins

⁴Ver sobre https://www.mg.gov.br/instituicao_unidade/escola-estadual-professora-maria-de-barros

buscavam modos de explicar as matérias de um jeito diferente para que pudéssemos entender melhor, principalmente, a matemática. E os trabalhos extras como as gincanas, cujas equipes escolhiam um tema e trabalhavam nele, nos estimulavam. O fato é que a EJA do fundamental aconteceu e me levou ao Ensino Médio por um período de dois anos, em 2009 a 2012 e nesse intervalo teve uma greve e por isso parei de estudar mais uma vez mas logo depois voltei e terminei o ensino médio. Lá também havia muitos trabalhos em equipes e provas como hoje. Honestamente, foi uma época muito gratificante, amei cada professor que me ajudou a subir mais um degrau do meu conhecimento e me proporcionou a vontade de continuar os estudos, dando-me encorajamento pois, muitas vezes quis desistir devido ter de trabalhar e estudar. Foi desafiante!

O sonho do curso superior nunca foi esquecido, tive alguns problemas durante meu caminho e me atrasei, mas, continuei a caminhada para realizar o sonho de ser professora de crianças pequenas. É por isso que ingressei no curso superior através do ENEM e escolhi a Pedagogia por ela oferecer a formação necessária para ensinar ou trabalhar com crianças, pois é o que eu amo e desejo atuar.

Acredito que lidar com crianças pequenas me proporcionará uma satisfação sem explicação. Percebo em mim mesma a vontade intensa de aprofundar os conhecimentos e as experiências na lida com as crianças pequenas, ser uma professora íntegra, ética, honesta com a classe, paciente para explicar quando as crianças não entenderem e manifestarem suas dificuldades. E, em minhas lembranças, trago a professora Nair, uma figura inesquecível porque era muito boa como educadora. Para ser sincera, desde pequena tenho vontade de ser professora de criança pequena, mas foi adiado por falta de oportunidade e hoje me vejo a caminho de realizar o meu sonho.

A professora que desejo ser e que já estou me fazendo, é e será capaz de entender e ouvir a criança, ajudá-la, orientá-la para se construir como pessoa autônoma e responsável. Prepará-la para o futuro como pessoa mais consciente para a vida, pois esse também é o papel de todo professor. Repensar esse percurso, inclusive o da minha infância até aqui, é torná-lo vivo, atual para que eu possa ressignificar cada vivência, cada dificuldade, cada superação, cada alegria ou tristeza como professora que serei. No curso de Pedagogia tem sido discutido questões muito importantes para a formação do pedagogo e sua atuação a partir das situações vividas pelos seus estudantes em suas trajetórias escolares.

Posso afirmar que os professores e professoras do curso de Pedagogia muito contribuíram para que me tornasse a pessoa e profissional que sou atualmente, capaz de tomar

decisões, agir com criticidade e, ainda, lutar por meus ideais; além disso, tornei-me uma profissional responsável, ciente que preciso, na caminhada, continuar aprendendo a partir dos saberes das minhas futuras experiências.

3. O ENCONTRO COM O ESTÁGIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES

Neste ponto desejo explicar o meu encontro com o estágio, que tornou-se, neste TCC, objeto de minha reflexão.

Ele promoveu a minha aproximação com a realidade da escola, para que eu compreendesse as múltiplas relações que acontecem lá: a relação da direção com os professores/as, a relação do professor/ aluno, a relação entre pais / professores e direção, o projeto pedagógico de Educação Infantil, os projetos de intervenção, o plano de aula, as sequências didáticas, dentre outros. Estava sedenta para por a mão na massa, compreender se a teoria estava presente lá na prática! Era muita expectativa! O contato com essa realidade e a reflexão sobre ela, muito contribuíram para minha formação como futura professora da Educação Infantil.

Desse modo, trago neste texto, as reflexões que consegui elaborar sobre o que é o estágio e qual seria o sentido dele para o estagiário. Para mim, ele é o reconhecimento do espaço onde pretendo trabalhar como professora pedagoga, o funcionamento do espaço, a rotina diária, dentre outros aspectos.

Fiz alguns estudos sobre o estágio, e passo a entendê-lo como espaço no qual pedagogos/as, no convívio com o cotidiano escolar, possam refletir sobre as práticas vivenciadas e observadas e optam, na futura atuação, por algumas delas ou não. Assim, procurei o campo do estágio para conhecer a prática docente construída e refletir sobre quais aspectos poderia ser pensado de outro modo, seja na forma ou conteúdo que se ensina, algo mais atrativo, humanizado com vistas a aprendizagem das crianças e adolescentes.

Também, com o estágio pude conhecer um pouco mais sobre o cotidiano do professor e, a meu ver, a sala de aula é o que permite conhecer, de fato, o chão da escola. Considero este o aspecto mais importante, a oportunidade de conhecer como é a sala aula, seu movimento e suas especificidades; ainda perceber os vários aspectos e considerações que as professoras regentes da sala indicam como importantes para a formação do pedagogo/a.

Dessa experiência, quero afirmar que o estágio é fundamental para formar o professor por proporcionar a reflexão sobre o cotidiano escolar e auxiliar na tomada de decisão se é isso que se quer como profissão, pois entendo que não basta gostar do curso ou

“achar bonito” o fato de ter as crianças sob sua responsabilidade no início de sua vida escolar, é mais que isso, é fazer com responsabilidade, competência e comprometimento o seu papel, para formar crianças para um mundo futuro melhor.

Sobre a escolha da profissão, foi no estágio que percebi ter tomado a decisão certa, que era isso que eu sempre quis, pois desde muito cedo gostava e falava que ia ser professora; ao cursar pedagogia, entendi o meu processo de troca, de aprendizagem, de significado e construção de aprendizagem, e também, do processo do outro; é muito bom e importante fazer parte do processo do outro/a. Por isso, registro que o estágio me trouxe possibilidades de ser reconhecida como pessoa e profissional e, ainda, me proporcionou enxergar as dificuldades da escola, ao mesmo tempo, impulsionou-me a refletir sobre a conscientização e reconhecimento do/a professor/a por meio de sua trajetória formativa, de estudos e pesquisas para chegar até ao campo de atuação: a sala de aula. Por isso, narrar como foi a minha construção como professora poderá contribuir para que outras professoras e professores se construam também.

Nas aulas teóricas do estágio, nos preparamos para ir à campo. Fizemos alguns estudos sobre estágio e um dos pontos principais é que a relação teoria e prática se entrecruzam; a teoria ilumina a prática e, esta, é ressignificada pela teoria. Nesse raciocínio, é importante que o estagiário esteja em contato com atividades de análise sobre o trabalho do/a professor/a como fenômeno datado e endereçado na sociedade atual e de situações que levem ao conhecimento pedagógico, à reflexão e à socialização destas. Assim, [...] não é atividade prática, mas teórica, instrumentalizadora da práxis docente, entendida esta como atividade de transformação da realidade. Nesse sentido, o estágio curricular é atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade, esta, sim, objeto da práxis [...]. (PIMENTA; LIMA, 2004, p. 45).

Ao longo das nossas aulas de estágio fui me posicionando em relação ao Estágio Supervisionado como elemento de interligação entre teoria e prática no trabalho pedagógico, por isso, ressalto Freire (2001, p. 41) quando diz que práxis é “(...) pensar a prática para melhorar” e complementa explicando; “(...) a práxis, através da qual a consciência se transforma, não é pura ação, mas ação e reflexão. Daí a unidade entre teoria e prática em que ambas vão se construindo, fazendo-se e refazendo-se num movimento permanente no qual vamos da prática à teoria e desta é uma nova prática (FREIRE, 1981, p. 10)”.

Outro aspecto que consegui compreender é que o Estágio Supervisionado poderia ser trabalhado como ensino e pesquisa, um espaço de pesquisa por meio da observação, da

intervenção e da reflexão, levando em consideração a consistência teórica, a produção do conhecimento, a relação teoria e prática, a docência e a pesquisa. Creio que a teoria ilumina a prática e esta, é ressignificada pela teoria sem perder de vista as condições objetivas em que esse movimento se realiza, no caso do que tenho refletido, a Educação Infantil. Assim, fui a campo com a concepção de que o estágio supervisionado seria o momento no qual colocava-se em prática aquilo que se aprendia ou se aprende na universidade, Essa era a expectativa. Tentei encontrar, basicamente, a correlação entre a teoria e a prática, processo no qual se efetiva a práxis.

Também entendi que existem legislações que orientam os estágios e procurei conhecê-las. Como parte do eixo da práxis educativa do curso, o estágio é um componente curricular obrigatório fundamental, baseado em documentos oficiais como a Lei 11.788/2008, art. 1º, na qual o “Estágio é o ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos”.

Na Resolução nº 2/2015 do Conselho Nacional de Educação (CNE) o Estágio Supervisionado é um componente curricular obrigatório nas licenciaturas e deve ser realizado na área de formação e atuação. No Projeto Institucional de Formação e Desenvolvimento do Profissional da Educação da UFU (Resolução 32 de 2017 do Conselho Universitário) pressupõe que ‘o Estágio Supervisionado é essencial à formação para o exercício da docência, momento de aprofundamento das questões levantadas nas práticas, ou seja, da imersão do aluno na realidade profissional’(UFU, 2017). Ele é visto como um processo pedagógico dinâmico e dialógico, com reflexões coletivas acerca das experiências vividas no cotidiano da escola durante a realização do estágio, pressupostos estes que estão presentes no Projeto Político Pedagógico do curso de Pedagogia ao propor que os componentes do eixo da práxis, Projetos Integrados de Práticas Educativas (PIPE)s e Estágios Supervisionados, e finalizam suas sínteses no Trabalho de Conclusão de Curso(TCC), articulando então, o ensino, a pesquisa e a extensão.

Com base no PPP do curso, o primeiro estágio começa depois da metade do curso, após concluir todos os Projetos Integrados de Práticas Educativas(PIPE), e são eles: i) Estágio Supervisionado I (Gestão Escolar); ii) Estágio Supervisionado II (Educação Infantil); iii) Estágio Supervisionado III (Ensino Fundamental); iv) Estágio Supervisionado IV (espaços não escolares). No Estágio Supervisionado II, cujo objeto foi a Educação Infantil, perfiz 105 horas de estágio, sendo 30 horas teóricas na universidade e 75

horas na escola, observando as práticas dos professores com um olhar investigativo e crítico, tentando entender as práticas e as ações docentes, bem como suas dificuldades e possibilidades. Sobre esse aspecto, reflito com as afirmações de Pimenta(2004, p. 43): “o estágio dos cursos de formação de professores, compete possibilitar que os futuros professores compreendam a complexidade das práticas institucionais e das ações aí praticadas por seu profissionais como alternativa no preparo para sua inscrição profissional.”

Ainda sobre a documentação que regulamenta o estágio na UFU, visitei o manual de orientação do estágio supervisionado do curso de Pedagogia, ainda vinculado à FACIP/UFU⁵, hoje alocada no Instituto de Ciências Humanas do Pontal (ICHPO) e trago alguns objetivos importantes:

- a) Inserir o aluno estagiário em situações concretas do exercício profissional, no âmbito da unidade/instituição, mediante ações de caráter educacional.
- b) Construir espaços de práxis educativa estabelecendo relação com os fundamentos e os pressupostos teóricos estabelecidos no curso e sua relação com a realidade do cotidiano escolar;
- c) Oportunizar ao aluno estagiário que assuma uma postura crítica aliada à competência profissional e ao compromisso político de seu papel transformador na sociedade;
- d) Desenvolver projetos de atividades educacionais ou de investigação problematização, análise e reflexão teórica a partir de realidade vivenciadas;
- e) Envolver os alunos estagiários no trabalho pedagógico para a promoção da aprendizagem de sujeitos em diferentes fases do desenvolvimento nos diversos níveis e modalidades de processos educativos (Educação Infantil, anos iniciais do Ensino Fundamental – ensino regular, EJA e Educação Especial - Gestão escolar não escolar);
- f) gestão educacional;
- g) Acompanhar o planejamento e realização de atividades de ensino em sala de aula, sob a orientação do supervisor de estágio, do professor-orientador e da coordenação do professor da classe, como exercício da docência supervisionada.
- h) Estabelecer a ligação entre a educação básica e o ensino superior para que o estagiário possa fazer uma análise sobre os estudos e práticas curriculares desenvolvidos na Universidade e sua aplicação com a realidade educacional da educação básica. (Projeto Político Pedagógico, 2020, p. S/N)

Refletindo sobre os objetivos acima, no estágio a que me refiro, houve a intenção de estabelecer uma relação entre os fundamentos e os pressupostos teóricos estudados no curso com a realidade do cotidiano escolar, por isso, o estágio proporcionou a mim e ao grupo de estudantes do qual pertenci a oportunidade de inserção no cotidiano da escola, uma visão crítica sobre ele para que pudéssemos elaborar e desenvolver um projeto de intervenção naquela realidade, a partir da problematização e reflexão sobre as práticas observadas.

⁵ A Faculdade de Ciências Integradas do Pontal/FACIP, foi extinta em 2018, hoje dividia em três unidades, quais sejam: FACES- faculdade de Administração, Ciências Contábeis, Engenharia de Produção; ICENP- Instituto de Ciências Exatas e Naturais do Pontal e ICHPO –Instituto de Ciências Humanas do Pontal, do qual o curso de Pedagogia a que me refiro nessa narrativa, pertence.

Cruzar o que a legislação orienta sobre o estágio e o que observei no cotidiano da escola e da sala de aula, no contato com o PPP da escola, na participação nas aulas com as professoras, na vida escolar em geral, busquei encontrar a relação dos aprendizados teóricos com a prática dos professores/as, ou seja, tentei ver a relação teoria e prática. Foi com esse olhar que participei de um grupo de estagiárias em uma escola municipal de Educação Infantil.

4. NARRANDO A EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO II – EDUCAÇÃO INFANTIL

4.1 Estudando sobre a Educação Infantil

Não foi tão fácil ir a este estágio. Precisava estudar os textos específicos da Educação Infantil e como uma das participantes de um grupo de estudantes que desenvolveu o estágio educação infantil em uma escola municipal de Ituiutaba, Mg, fizemos inicialmente, um estudo sobre Educação Infantil durante as aulas teóricas do estágio.

Além das disciplinas que tratam especialmente da Educação Infantil como Processo de Alfabetização, Alfabetização e Letramento, Literatura Infantil, Jogos, Brinquedos e Brincadeiras, Direito à Infância e Educação e Currículo e Educação juntamente com os estudos preparatórios para o estágio posso destacar que a Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica desde o ano de 1996 com a Lei 9394/96 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e passa a compor a educação básica junto com o ensino fundamental e o ensino médio.

No art. 29 da Lei 9.394/96 a primeira etapa é para crianças de até 5 anos de idade, e tem como objetivo o desenvolvimento da criança em todos os seus aspectos, que a criança se desenvolva por inteiro, ou seja, “a educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem a finalidade o desenvolvimento em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL, 1996, p.22).”

De acordo com o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (RCNEI, 1998), na etapa Educação Infantil é seu o papel o cuidar da criança na escola, dando ênfase na limpeza, alimentação, e o brincar de modo lúdico e dando espaço para a imaginação da criança. Não podemos esquecer o educar, porém, o educar de maneira lúdica, respeitando o desenvolvimento da criança e os eixos que devem ser abordados nessa etapa, são: movimento, música, artes visuais, linguagens oral e escrita, natureza e sociedade e

matemática.

Essa foi uma reflexão muito importante durante o estágio porque nossa sociedade associa a Educação Infantil apenas ao cuidar, muitos pais deixam seus filhos em creches e pré-escola apenas para cuidar, mas a Educação Infantil vai muito além do cuidar, e o educar, é o primeiro contato que a criança vai ter com a escola, é o brincar lúdico, é o desenvolvimento motor da criança, o desenvolvimento em geral.

Pensando que a educação infantil pode proporcionar interações entre as crianças como as crianças aprendiam e brincavam, para que eu pudesse intervir da melhor forma possível, sem descaracterizar o objetivo de educar e ao mesmo tempo de brincar:

A observação das crianças precisa ser atenta, curiosa e investigativa, evidenciando os modos de aprender, de agir, de brincar, de expressar-se de maneira particular, própria, única. Pois avaliar deve, necessariamente, partir de um exercício que implica o desejo de conhecer outro mais e melhor, tendo como fundamento a subjetividade e a intersubjetividade. (MORO, 2011, p. 34)

Com base nessas ideias, fiquei durante o estágio tentando compreender que é na Educação Infantil que a criança se conhece e passa a conhecer o outro, é lá que ela cria sua identidade, aprende a respeitar regras e respeitar o outro, o diferente.

Também, as leituras me ajudaram a entender que brincar é fundamental para o desenvolvimento da aprendizagem da criança e que por meio da brincadeira, quando ela coloca suas vivências, podemos conhecê-la melhor. Destaco um trecho importante do RCNEI,

Nas brincadeiras as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação e da utilização e experimentação de regras e papéis sociais (BRASIL, 1998, p.22).

Fiquei atenta durante as observações no cotidiano escolar, ao papel do/a professora/a como mediador/a, que deveria auxiliar no desenvolvimento motor e lúdico das crianças que estavam sob sua responsabilidade. Esse foi um ponto importante de observação porque, teoricamente, entendo que o brincar na Educação Infantil leva a criança a várias aprendizagens, ela desenvolve muitas coisas ao brincar, ao jogar. “O jogo ajuda-a a construir suas novas descobertas desenvolvendo e enriquecendo sua personalidade e simboliza um instrumento pedagógico que leva ao professor a condição de condutor, estimulador e avaliador de aprendizagem (ANTUNES, 2005, p.36).”

Percebo que por meio do jogo e do brincar lúdico, o processo de ensino aprendizagem

pode ser prazeroso para a criança, e se bem trabalhado fica mais significativo para ela. O/a professor/a ao trabalhar com jogos deve estimular a criança, por meio do divertimento e momento de liberdades desenvolverem a autonomia. Essa reflexão foi muito importante durante o estágio, porque entendi quão importante é o papel do/a professor/a como mediador/a de um processo mais lúdico e prazeroso que leve as crianças a serem mais autônomas e participativas.

Também afirmo que é na primeira etapa da educação básica, que a criança tem acesso a todo esse desenvolvimento, aprende a ter autonomia para falar o que gosta ou não e assim por diante. Na minha concepção, a Educação Infantil é a base, é fundamental para a continuidade do desenvolvimento das crianças. É nela que a criança está sendo preparada para a próxima etapa que é a alfabetização, por investigar a criança a curiosidade, a aprendizagem, a autonomia, a liberdade. É muito gratificante ver a criança evoluindo, e as vezes acabar entrando no ensino fundamental sabendo escrever seu nome.

4.2 As Experiências Vividas no Estágio

O estágio foi realizado de acordo com o período de funcionamento de uma municipal em Ituiutaba, com a supervisão de uma professora do curso de Pedagogia/Pontal, compondo a carga horária de 75 horas de práticas, nos períodos matutino e vespertino, distribuídas durante três meses entre os dias de segunda-feira a sexta-feira da semana, das 7:00 horas da manhã às 17:20 da tarde. Éramos três estagiárias eu participava das aulas à tarde e as outras duas sempre de manhã era raro quando elas iam à tarde. E era somente observação não fiquei sozinha na sala de aula nem uma vez.

Para realização do estágio utilizei como metodologia: as observações e os registros em diário de bordo, que também é conhecido como diário de campo, é um caderno no qual todas as informações e vivências foram registradas diariamente, inclusive, as práticas que foram realizadas por meio do projeto de intervenção.

Segui as orientações de observações sugeridas pela professora de estágio, e uma delas, foi conhecer a totalidade da instituição: as salas da Educação Infantil, brinquedoteca, os banheiros, a cozinha, o pátio, parque de areia, piscina e refeitório, observando também as relações e as aprendizagens desenvolvidas nesses espaços. Diariamente registrei as observações na ficha de controle de atividade e acompanhada pela professora regente; em casa, elaborava o texto para relatar as observações e experiências. Na aula de estágio, relatávamos as experiências, as observações e refletíamos sobre elas com base nos textos

discutidos. E todo o registro feito foi baseado que a “Observação, registro, documentação são palavras-chaves na experiência educativa. Palavras evocativas de teorias, conceitos, metodologias e dúvidas acerca de sua efetivação. A documentação é ainda memória, história identidade, experiência. (MORO, 2011. p. 36).”

Assim, fui para o estágio considerando que, por meio dos registros, eu realizaria a avaliação das aprendizagens construídas e daria sentido a elas na minha formação; além de servir como avaliação do fazer educativo, ao ser discutido com o professor/a regente e também com o professor/a orientador/a das atividades em campo. Compreendi, portanto, a necessidade de o futuro pedagogo passar pelas fases de estágios e que no decorrer das observações e práticas vivenciadas pudesse convalidar os conhecimentos que são adquiridos ao longo do curso, no meu caso, no curso de Pedagogia da UFU-Campus Pontal, participando inclusive, da reflexão e do debate a partir da realidade vivenciada.

O estágio me proporcionou reflexões importantes sobre a complexidade da atuação do pedagogo e as práticas pedagógicas que impactam na formação da criança que tem como princípio respeitar os contextos em que elas estão inseridas social e culturalmente.

Outro ponto que vale destacar é que a prática do/a professor/a tem sempre que se submeter a uma organização da gestão da própria instituição que recebe da Secretaria de Educação, no caso da escola proponente do estágio que participei, um currículo planejado e este, nem sempre condiz com a realidade das crianças daquela instituição. Esse foi um ponto que procurei identificar.

Quando me apresentei à escola/campo de estágio como estagiária da UFU fui muito bem recebida. Comecei por meio de observações mais amplas, da estrutura física da instituição, de toda a equipe que trabalha na instituição (diretora, vice diretora, supervisoras, pessoal que trabalha na limpeza, cozinha, pedagogos e as crianças).

Nessa observação percebi que mesmo tendo adaptações como bebedouros, vasos sanitários inadequados, algumas salas com degraus e meio fios no do pátio onde as crianças brincavam de correr durante o recreio, a referida escola é um lugar bonito, lúdico e alegre. Para solucionar problemas da estrutura física, a escola depende de verbas e essas estão escassas; ouvi das funcionárias da escola que o município mal está mandando produtos básicos para fazer a limpeza básica. Assim, apesar do esforço de todos/as os/as profissionais da escola, em tornar o ambiente o mais agradável possível e adequado às atividades pedagógicas e lúdicas, muito se tinha para fazer, inclusive para a própria inclusão.

Já no segundo momento, fui para várias salas de aula, o que tornou o estágio bastante

enriquecedor. No meu contato direto com as turminhas, percebi as diferentes formas que cada professor/a utilizava para trabalhar com as crianças, algumas utilizam metodologias tradicionais impondo disciplina na sala de aula, por meio de penalidade, como por exemplo, não participar de alguma brincadeira, outras tradicionais também, porém, menos rígidas. Essa questão me chamou atenção, afinal, educar e conscientizar não seria um caminho mais humano ao invés de penalizar?

Observei também que as professoras estavam sempre atarefadas em atender as exigências da escola, em entregar e preencher documentos, organizando portfólios que é uma forma de avaliar as crianças no seu desenvolvimento. Sobre esse ponto considerei uma sobrecarga para as professoras, porém, necessária, diante da importância da avaliação para o processo de desenvolvimento das crianças. Essa problemática também me incomoda como profissional/professora, afinal, a carga horária de trabalho que o professor faz extra-horário nunca foi computada em sua jornada e cada vez mais, os protocolos, os relatórios são exigidos, além dos seus encargos didáticos. Para pensar sobre a questão posso buscar em Tardif e Lessard (2008) que afirmam definir a carga de trabalho das professoras uma tarefa bastante complexa, pois deve-se considerar não apenas as tarefas prescritas pela gestão, mas o trabalho docente possui “limites imprecisos e variáveis de acordo com os indivíduos e as circunstâncias”, tais como “pensar em seus alunos de noite, ver um filme para adolescentes para assimilar a cultura ‘jovem’, etc.” (TARDIF; LESSARD, 2008, p. 112). Isso significa que o trabalho docente vai além da sala de aula.

Essa experiência me fez retomar as discussões feitas na disciplina Avaliação Educacional, componente obrigatório do nosso curso, pois como seres humanos estamos a todo instante sendo avaliados, e a avaliação no âmbito escolar, passa a ser de várias formas, diagnóstica, formativa e somatória, ou seja, a avaliação está presente no currículo escolar. Durante o estágio, ao conversar informalmente com uma professora percebi que ela avalia de forma formativa e processual, pois consegue alcançar seus objetivos ao longo do ano letivo, que a turminha dela quase na totalidade consegue um pleno desenvolvimento na aprendizagem.

Sobre o planejamento, à época, as professoras se reuniam semanalmente para sua elaboração e preparavam as tarefas de casa e outras atividades no horário reservado para o módulo. Elas relataram que o momento do planejamento era importante para colocar as atividades em dia, além disso, para a troca de experiências a partir das vivências de cada uma, dos saberes produzidos nas experiências também.

Na época, percebi que o documento norteador dos planejamentos/projetos elaborados pelas professoras e presentes nas atividades proporcionadas para as crianças eram as DCNEIS(BRASIL, 2009), com ênfase nos eixos estruturantes que são as interações e a brincadeira, e a BNCC, trazendo os direitos de aprendizagem e desenvolvimento infantil (BRASIL,2017).

Por fim, destaco que o estágio foi fundamental para mim e, com certeza, para o grupo de estudantes que dele participou, à medida que aproximei do futuro campo de atuação, com vistas a construir uma práxis transformadora, conforme as discussões e estudos feitos durante o curso.

4.3 A Construção do Projeto de Intervenção

Pretendo destacar alguns pontos do projeto de intervenção, uma proposta sob orientação da professora do estágio em construção com a professora regente e a supervisora e se necessário, outras pessoas envolvidas. Sendo assim, passo a relatar o que foi elaborado por mim e as outras duas estagiárias como intervenção na Educação Infantil e se baseou na resolução de um problema observado durante os momentos e as vivências nas salas de aula e na escola como um todo.

Após nossas observações em salas de aulas, o grupo de estagiárias reuniu para problematizar as observações e pensar a intervenção; para isso recorreu às aulas de estágios nas quais se discutiu o trabalho pedagógico com crianças. A problemática levantada a partir da observação das práticas das professoras, era que faltava o trabalho com a psicomotricidade. Como pode uma instituição de educação infantil trabalhar tão pouco a psicomotricidade? Ela não é importante para o desenvolvimento infantil? Assim, com base nessa indagação, o projeto de intervenção foi pensado e elaborado. Chegou-se ao consenso que esse seria o foco da intervenção pois a educação psicomotora é fundamental na vida criança, reflete no histórico de sua vida, em seu desenvolvimento, no seu relacionamento com o mundo, na sua interação com as pessoas, na forma como pensa e como atua, expressando as suas sensações e sentimentos, utilizando o corpo como instrumento rico e significativo para a comunicação.

Assim, o projeto de intervenção cujo tema foi “a psicomotricidade lúdica na Educação Infantil ” teve como principal objeto de estudo a psicomotricidade e a ludicidade como elementos que não podem faltar na formação das crianças pequenas que estão na educação infantil (crianças de 4 e 5) anos.

Para a intervenção, o grupo de estagiárias considerou o que as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI, 2010), trouxeram em seu Artigo 4º, a definição de criança como um ser em construção dentro da sua realidade, portanto,

sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2010).

E essa ideia foi complementada pelos princípios da BNCC (BRASIL, 2017), ao referir-se aos seis direitos das crianças na Educação Infantil (conviver, participar, brincar, explorar, expressar e conhecer-se).

Por isso, na intervenção, foram desenvolvidas atividades nas quais a psicomotricidade lúdica foi o centro do trabalho, as crianças puderam brincar, participar, conviver com as outras crianças, explorar as atividades, expressar por meio das atividades o conhecimento a si mesmo; trabalhar a relação entre o corpo e a mente de forma articulada e desenvolver-se nas suas diversas dimensões.

De minha parte, pude observar que as crianças participaram ativamente, de todo o trabalho desenvolvido, fizeram questionamentos, apresentaram dificuldades, refizeram seus processos, uns com mais facilidades, outros com menos, mas, o que ficou bem marcado foi que todas as crianças foram incluídas. Como avaliação posso dizer que o principal estabelecido pelo grupo, foi atingido e também, reiterar que cada criança precisa ser respeitada naquilo que ela traz e em suas especificidades. Também, as dificuldades apresentadas pelas crianças foram encaradas como desafio, como possibilidade de aprendizagem e não como um limite.

CONCLUSÃO

Ao narrar minhas experiências como aluna, futura professora aprendo porque quando narro, organizo minhas ideias, sistematizo minhas experiências, dou sentido a elas, ou seja, ressignifico os meus saberes e as minhas experiências. Quando narro eu ensino porque outros professores e outras professoras ao lerem minhas narrativas e refletirem com elas poderão ressignificar os seus saberes e as suas experiências. Ao narrar as experiências durante minha trajetória na Educação Básica chamo atenção para as aprendizagens numa infância que trazia leveza, alegria, simplicidade e dificuldade. Ser criança, ser sujeito de minha história foi muito

bom. Hoje vejo e sinto a criança como um ser inacabado, histórico e cultural.

Outro aspecto que merece reflexão nesta narrativa diz respeito aos processos de aprendizagens pelos quais fui passando ao longo de minha trajetória escolar. Eles foram atravessados por dificuldades e superações, em tempos de um ensino cujo centro não era o aluno, mas o professor ou o seu método. Mesmo assim, foi possível!

Ao narrar a formação construída no curso de Pedagogia/Pontal, destaco aquelas decorrentes das vivências no Estágio Supervisionado na Educação Infantil. O estágio foi essencial para a minha formação como professora/pedagoga; esse primeiro contato com o ensino com crianças pequenas levou-me a conhecer um pouco mais sobre a Educação Infantil e reconhecê-la como a primeira etapa da educação básica, suas características, sua finalidade e objetivos, seus limites e dificuldades.

Ao narrar sobre o estágio, sintetizo que ele não é apenas levar o que se aprende na teoria para a prática na escola, mais que isso, serve para problematizar a realidade encontrada, compreendê-la e em seguida pensar uma intervenção que contribua para transformá-la. E isso ocorreu na construção do projeto de intervenção, especialmente, quando busquei a teoria para conseguir observar as salas de aula, problematizá-la, escrever um projeto de intervenção e aplicá-lo, pois, sem a teoria não seria possível olhar criticamente para a ação do projeto.

À medida que fui me inteirando na escola, aprendi muito não só com as professoras e supervisoras, sobretudo com as crianças, quando passei a observar o quanto elas são evoluídas e influenciadas pela vida social que levam, suas histórias, seus contextos familiares.

Percebi que as crianças de hoje não são como éramos na idade delas, e isso é ótimo, perceber a evolução é maravilhoso, aprender coisas novas é incrível e esse estágio proporcionou uma vivência que fará parte do meu aprendizado pela vida toda.

A intervenção desenvolvida com as crianças foi prazerosa para as crianças e para mim também. Precisei aprofundar no assunto/tema da intervenção, busquei os teóricos, relatei com a prática e apresentei as atividades às crianças. Mesmo considerando as adversidades da turma, posso afirmar que a proposta despertou o interesse das crianças.

Também, validei que a teoria estudada na Universidade é fundamental no momento da prática, da práxis pedagógica e que essa experiência só ocorrerá novamente quando de fato, vier a atuação.

Entendi que cada criança tem seu tempo de aprender e que todas tem o seu jeito de

ser, por isso para ser um bom educador é preciso nos educar em primeiro lugar, pois convivendo com os professores vi que não é fácil ensinar uma sala com trinta, quarenta crianças sem nenhuma auxiliar. É necessário alguém para compartilhar, para dividir em alguns aspectos do trabalho com as crianças.

Sobre o projeto de intervenção, penso que a intenção de desenvolver atividade que envolvia psicomotricidade e ludicidade foi bastante significativa, houve inclusive interesse e participação de todas as crianças, sem exceção. Ao observar a execução de cada brincadeira, apesar das diferenças, cada criança tentou participar dentro das suas possibilidades e a interação esteve presente entre elas. A meu ver, as atividades trabalhadas, de alguma forma, contribuíram para o desenvolvimento integral das crianças que delas participaram, inclusive, despertando-as para a criatividade porque novas formas de brincar apareceram nos grupos.

Mesmo com as minhas dificuldades o estágio me auxiliou definir que é na Educação Infantil que quero atuar porque as crianças são o começo de toda mudança para um mundo melhor e mais humano, portanto, essa experiência foi um divisor de águas para a minha identidade profissional como professora do público infantil. Por outro lado, tenho a consciência da necessidade de buscar o aperfeiçoamento constante e isso, deve estar sempre vivo em nós, porque assim teremos sucesso na prática futura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, C. Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências: os jogos e os parâmetros curriculares nacionais. Campinas: Papirus, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI) . 5<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume2.pdf>, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular.2018

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC/S B, 2017. P.33-52.

BRASIL. Ministério da Educação. LDB : Lei de diretrizes e bases da educação nacional. – Brasília : Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017. p.30.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Base Nacional Comum Curricular. Brasília MEC – SEB, 2017, p. 33 – 52

BRASIL. Referencial Curricular para a Educação Infantil. Ministério da Educação e dos Desportos. Secretaria de Educação Fundamental: Brasília, 1998.

CUNHA, Maria Isabel. C O N T A - M E AGORA, as narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **R. Fac. Educ**, São Paulo, v.23, n.1/2, p.185-195, jan./dez. 1997.

CUNHA, M. I.; CHAIGAR, V. A. M. A dimensão da escrita e da memória na formação reflexiva de professores: dois estudos em diálogo. In: FERREIRA, M. O. V.; FISCHER, B. T. D.;

FACIP. Faculdade de Ciências Integradas do Pontal. Manual de orientações do estágio do curso de graduação em Pedagogia., 2010. Disponível em <http://www.facip.ufu.br/sites/facip.ufu.br/files/Anexos/Bookpage/Manual%20de%20Orienta%C3%A7%C3%A3o%20do%20Est%C3%A1gio%20Supervisionado%202010.pdf>

FNDE. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Histórico do Livro Didático. Disponível em <http://www.fnde.gov.br/component/k2/item/518-hist%C3%B3rico#:~:text=O%20Programa%20Nacional%20do%20Livro,nomes%20e%20formas%20de%20execu%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em 11 de mar, 2023.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: **saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra. Pp.57-76. 1996. Garrido; S LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**.2009.

GENTILI, Pablo & ALENCAR, Chico. **Educar na esperança em tempos de desencanto**. 3ª edição, Petrópolis, Vozes, 2003.

GOODSON, I. F. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, A (Org.). **A vida de professores**. Porto: Porto Editora. 2000.

HOLLY, M. L. Investigando a vida profissional de professores: diários biográficos. In: NÓVOA, A (Org.). **A vida de professores**. Porto: Porto Editora. 2000.

LEI 11.788/2008, Dispõe sobre o estágio de estudantes; altera a redação do art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1º de maio de 1943, e a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996; revoga as Leis nos 6.494, de 7 de dezembro de 1977, e 8.859, de 23 de março de 1994, o parágrafo único do art. 82 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e o art. 6º da Medida Provisória no 2.164-41, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111788.htm, acesso em 21 Jun, 2023.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. O trabalho docente: elementos para uma teoria da

docência como profissão de interações humanas. Petrópolis: Vozes, 2008.

LIMA, Maria do Socorro Lucena. **Estágio e aprendizagem da profissão docente**. Brasília: Liber Livro, 2012. 172p.

MORO, Catarina. Desafios da avaliação. **REVISTA EDUCAÇÃO INFANTIL**. 2ed. São Paulo: Segmento, 2011.

PERES, L. M. V. Memórias docentes : abordagens teórico-metodológicas e experiências de investigação. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Leber Livros, 2009. p. 119-140.

PIMENTA, S. LIMA, M.. **Estágio e Docência**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2004.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Os (des) caminhos das políticas de formação de professores – o caso dos estágios supervisionados e o Programa de Iniciação à Docência: duas faces da mesma moeda?** 38ª Reunião Nacional da ANPED, São Luis, Maranhão, 2017.

Disponível em:

[http://38reuniao.anped.org.br/sites/default/files/resources/programacao/PIMENTA, Selma Garrido](http://38reuniao.anped.org.br/sites/default/files/resources/programacao/PIMENTA,Selma%20Garrido.pdf). Estágio: diferentes concepções. In: PIMENTA, Selma

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. **Resolução SEI N° 32/2017**, do

Conselho Universitário. Dispõe sobre o Projeto Institucional de Formação e Desenvolvimento do Profissional da Educação. Disponível em <http://www.reitoria.ufu.br/Resolucoes/resolucaoCONSUN-2017-32.pdf>